

LICÃO 12 – A RECIPROCIDADE DO AMOR CRISTÃO

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto áureo:

FILIPENSES 4

13 Posso todas as coisas naquele que me fortalece.

- Este versículo será comentado adiante, no texto da leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

FILIPENSES 4.10-13

10 Ora, muito me regozizei no Senhor por, finalmente, reviver a vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade.

- Tendo chegado agora ao final de sua epístola, Paulo destaca um de seus principais propósitos ao escrevê-la. Os crentes filipenses se tinham mostrado generosos em seu apoio financeiro, reconhecendo as necessidades de Paulo e as crises de toda a ordem pelas quais ele passava. Eles queriam aliviar pelo menos suas dificuldades financeiras, até onde isso lhes fosse possível, pelo que lhe tinham enviado dinheiro em diversas ocasiões. Ora, neste ponto Paulo faz uma pausa a fim de agradecer a essas doações. A última ocasião em que os filipenses tinham enviado auxílio financeiro a Paulo fora quando da vinda de Epafrodito, o qual agora retornaria a eles como o portador da presente epístola, bem como seu representante, autorizado a corrigir alguns problemas que afligiam aquela comunidade cristã.

- O fato de que Paulo esperou até o fim desta epístola, para mencionar as doações recebidas mais diretamente, agradecendo aos crentes filipenses pelas mesmas, é questão que tem deixado perplexos a alguns intérpretes. Alguns deles têm pensado que Paulo não tivesse ficado satisfeito ante a quantia recebida, tendo a mesma também chegado tarde demais para fazer-lhe grande bem. Mas outros veem nisso uma demonstração da delicadeza dos sentimentos de Paulo: o apóstolo teria adiado a menção da dádiva porque não queria que a questão parecesse ser demais importante para ele, como se estivesse motivado pela cobiça. Entretanto, é perfeitamente possível que ele já houvesse agradecido aos crentes filipenses pelo dinheiro enviado, em alguma epístola anterior, que agora desconhecemos; ou então, simplesmente, que as várias admoestações e instruções, necessárias para correção de outros problemas, e que foram incluídas nesta epístola, tenham forçado a menção da questão agora já no final da epístola.

- Paulo começa este trecho da carta expressando sua alegria pela renovada preocupação dos filipenses para com ele. O acontecimento particular que causou esta explosão de alegria foi a

vinda de Epafrodito com a oferta da igreja. A alegre reação de Paulo (apropriadamente traduzida como “regozijo”) comunica sua gratidão. A magnitude de sua gratidão é salientada pela palavra “muito”, colocada como ênfase na frase.

- Esta é a nona alegria de Paulo revelada nesta carta aos filipenses: a chamada “alegria de receber donativos”. Temos aqui, uma vez mais, uma das notas chaves mais constantes da presente epístola, a “alegria”. A alegria é uma das facetas do fruto do Espírito Santo, ou seja, uma qualidade espiritual (ver Gl. 5.22-23). Aqui Paulo usou o aoristo epistolar, no grego, vendo a questão do ponto de vista de seus leitores. Quando os crentes filipenses recebessem esta epístola, sua ação de agradecimento já seria considerado como algo ocorrido no passado; por essa razão é que Paulo escreveu o verbo no tempo passado. Normalmente, esses aoristos, a fim de se adaptarem à nossa maneira de dizer as coisas, são vertidos para o tempo presente, nas traduções modernas.

- É de se notar que a alegria de Paulo não foi propriamente pela ajuda que recebeu, mas pela lembrança dos filipenses dele. Paulo foi movido de amor quando, após ter tido a visão do varão macedônio pedindo ajuda, de pronto resolveu ir para Filipos, que era a porta da entrada da Macedônia naquele tempo, para pregar o Evangelho àquele povo, atendendo o chamado do Espírito Santo (At. 16.9-10).

- A alegria de Paulo foi “no Senhor”. Essa expressão é usada por mais de 40 vezes nos escritos de Paulo (ver Fp. 4.1), indicando a nossa união e contacto com o Senhor Jesus, bem como a nossa posição como membros da família divina, juntamente com ele; e também fica indicado o seu senhorio. Paulo se regozijara tanto em face do próprio auxílio financeiro recebido como também porque o mesmo fora inspirado pelo amor cristão, o que ele reconheceu como uma das boas qualidades dos crentes filipenses.

- “Reviver” indica a pluralidade das doações enviadas. E na passagem de 2Co. 11.8-9 vemos que isso já havia ocorrido relativamente cedo em seu ministério. Desde quase o princípio o apóstolo vinha recebendo ajuda financeira dos crentes filipenses. Podemos supor, assim sendo, que eles lhe prestavam ajuda regular, desde o tempo de sua segunda viagem missionária, cujo início está registrado em At. 15.26. E Fp. 4.16 mostra que eles já lhe tinham enviado dádivas antes.

- Temos aqui uma metáfora, indicando uma planta que sofrera de um período de estiagem, mas que agora revivia e florescia, e, assim, produzia fruto. Essa expressão tem sido compreendida essencialmente de duas maneiras: 1) Se o verbo for usado intransitivamente, então Paulo estaria dizendo: “Alegro-me que chegastes ao estado de florescência, novamente, de modo a terdes podido pensar outra vez em mim, resultando isso na oferta que me enviastes”. 2) Mas se o verbo for transitivo, então ele teria dito: “Recebi a vossa preocupação por mim”, em que a palavra “preocupação” seria o objeto do verbo. É provável que esta segunda posição seja a forma mais correta de compreender o trecho, pode subentender certa “reprimenda”, porquanto deixaram aquela preocupação ficar amortecida por algum tempo. Mas, para evitar que tal interpretação fosse lida em suas palavras, Paulo teria adicionado que isso ocorrera por falta de oportunidade da parte dos filipenses, e não por falta de interesse, conforme se vê no restante do versículo.

- Pode-se notar aqui o uso do verbo no modo imperfeito – durante todo o tempo eles tinham tido aquela preocupação, mas não havia como realizar isso na prática. Isso Paulo observou a fim de evitar qualquer interpretação errônea de suas palavras, no tocante ao intervalo que separava aquele envio das dádivas e a vez anterior em que o tinham feito.

- A frase “reviver a vossa lembrança de mim” tem várias implicações. A palavra “reviver” (ou “renovar”, em outra tradução) ilustra o rejuvenescimento de uma árvore ou planta na primavera, após uma estação dormente. Paulo não está expressando algum lapso na preocupação dos filipenses para com ele, por esquecimento. Está sugerindo que, embora sempre tenham cuidado dele, seus cuidados finalmente produziram frutos, uma obra tangível refletida pelas ofertas que lhe foram enviadas.

- “Lembrança” é a tradução de uma palavra comum na carta de Paulo aos filipenses (*proneo*), usada também em Fp. 1.7, 2.2 e 2.5. As palavras escolhidas por Paulo não falam somente sobre estar ciente das necessidades de alguém, mas também implicam uma aplicação prática deste pensamento. Por meio de suas ofertas, estavam de fato agindo para com ele conforme aquilo que lhes havia ensinado em relação ao tratamento mútuo entre os membros da comunidade de Filipos. Isto foi reforçado na parte final deste versículo, onde Paulo reconhece que os filipenses estavam realmente preocupados com ele, porém, faltara-lhes a oportunidade para expressá-lo.

- Por algum tempo, os filipenses havia parado de ajudar o apóstolo, mas agora o cuidado deles para com Paulo se renovara. Ele lamenta com eles pela falta de oportunidade em ajudá-lo.

- Esta nota de consideração não surge do sentimento de alívio. O apóstolo não está dizendo: “Afim, vocês me ajudaram; eu já estava ficando desesperado”. Nos versículos 11-14, Paulo ressalta ser livre da opressão da necessidade. Sua alegria não se deve a ter suas necessidades satisfeitas, mas ao fato de que a preocupação dos filipenses está fundamentada no Senhor. O relacionamento de Paulo com Deus tem conduzido-o a um senso de contentamento que transcende sua circunstância imediata.

- A expressão “não tínheis tido oportunidade” está também no imperfeito. Por todo o tempo, embora quisessem fazer uma doação ao apóstolo, nunca se lhes apresentava a chance de enviarem suas dádivas. Os tipos de transporte antigo, bem como os assaltos frequentes nas poucas estradas, dificultavam imensamente a questão. Os crentes filipenses talvez não tivessem mesmo os fundos para uma doação, não possuíam prosperidade financeira bastante para tal coisa, ou então talvez não contassem com um mensageiro de confiança que estivesse livre, no momento, para o propósito de levar ao apóstolo os meios pecuniários. Mas, finalmente, em Epafrodito, encontraram o portador certo.

- Paulo sempre foi grato pela ajuda recebida, mas nunca fez nenhuma exigência a seus convertidos para que o sustentassem. Aqui ele fala a respeito do assunto não para conseguir algo deles, mas para louvá-los pela ajuda já enviada.

- A passagem que ora consideramos aprova as doações feitas a ministros e missionários do evangelho, como algo digno de louvor. A passagem de 1Co. 9.7-14 ainda se mostra mais detalhada e dogmática, ao abordar esse mesmo problema.

- Ordinariamente, Paulo não recebia doações das igrejas que fundava, não apenas para dar exemplo de tal parcimônia a outros, mas provavelmente porque não queria que seu serviço, prestado à causa de Cristo, desse a impressão de ser feito a troco de uma “cobrança”. Estava muito mais interessado em prestar seus serviços gratuitamente, já que, antes de sua conversão a Cristo, havia perseguido à igreja do Senhor. Por exemplo, no caso da igreja em Corinto, sob hipótese alguma aceitou doações da mesma, visto que alguns de seus membros o tinham criticado concernente a essa questão, ao passo que outros, mui provavelmente, tinham dito que ele trabalhava no evangelho a fim de ter uma vida financeiramente abastada. Nessas críticas, realmente havia um ataque contra o seu próprio apostolado.

- Além disso, ainda outros explicavam como motivo do fato que ele não queria receber ajuda financeira, dizendo: “Ele não aceita salário, e com razão, pois nem mesmo é um apóstolo”. Assim deveriam dizer especialmente os judaizantes que havia na comunidade cristã de Corinto (ver igualmente o trecho de 2Co. 11.8-9, sobre esse mesmo problema). Esse versículo também menciona um dom anterior doado pelos filipenses, evidentemente há tempo considerável atrás.

- Embora Paulo não recebesse ajuda financeira da parte de outras igrejas, exceto a dos filipenses, pelo menos não tendo nós registro histórico a respeito, o fato é que ele exortou, tanto aos crentes coríntios (ver 1Co. 9.7-14) como aos crentes gálatas (ver Gl. 6.6), para que fossem cuidadosos no desempenho fiel desse dever. O texto presente, em sua aplicação, deveria ser dirigido mais diretamente à questão da responsabilidade das igrejas locais para com os missionários, sobretudo para com aqueles que labutam em países estrangeiros, porquanto esse é o caso aqui especialmente ilustrado.

- Em 1Co. 9.11-18, Paulo escreveu que não aceitava as ofertas da igreja dos coríntios para não ser acusado de estar pregando exclusivamente por dinheiro. Mas Paulo insistia que era responsabilidade dos membros de uma igreja manter os ministros de Deus (1Co. 9.14). O apóstolo aceitou a oferta dos filipenses porque foi dada espontaneamente e porque precisava dela para o seu sustento.

- O amor dos filipenses por Paulo não foi demonstrado apenas em termos de ajuda financeira. Quando Paulo esteve em Filipos a primeira vez, Lídia, uma das primeiras convertidas naquela cidade, tão logo convertida, já fez questão de hospedar Paulo em sua residência e torná-la um ponto de culto, demonstrando ter realmente recebido o amor de Deus em seu coração (At. 16.15,40). Igual procedimento teve o carcereiro de Filipos, que se converteu ao ver o milagre ocorrido na prisão (At. 16.33). Logo depois que saiu de Filipos, já em Tessalônica (At. 17.1), Paulo recebeu ajuda dos filipenses (Fp. 4.15-16), além de terem eles mandado Epafrodito para cuidarem de Paulo em Roma (Fp. 4.18).

- Lembrar de alguém é demonstração do amor de Deus na vida de um cristão. Deus não Se esquece de nós, porque nos ama e nós devemos, como portadores do amor divino, também não nos esquecermos dos nossos irmãos. Que tristeza dizermos que somos cristãos e nos esquecermos daqueles que nos cercam, daqueles que estão à nossa volta. Devemos evitar sermos atingidos pela “globalização da indiferença” que têm caracterizado o mundo sem Deus e sem salvação. Não podemos agir como o copeiro de Faraó, que se esqueceu de José, mesmo depois de este o ter ajudado (Gn. 40.5-41.13).

11 Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho.

- Temos aqui a décima e última alegria de Paulo manifestada nesta carta: o contentamento com o que tem.

- É como se Paulo houvesse escrito: “Não estou falando em tom de queixa, inspirado pela minha pobreza, como homem que se acha em desesperadora necessidade, porquanto já aprendi a estar contente em qualquer situação, tendo dinheiro ou não”. No dizer de Vincent: “Já aprendi o segredo de sentir-me auto-suficiente em qualquer condição”. Por isso mesmo é que muitos anos antes, em seu ministério, Paulo foi capaz de dizer: “De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste. Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão

comigo, estas mãos me serviram” (At. 20.33-34). Paulo trabalhava arduamente a fim de que pudesse trabalhar desembaraçadamente no evangelho (ver At. 18.3).

- Paulo sabia como permanecer contente, quer tivesse abundância, quer estivesse passando necessidades. O segredo estava em aproveitar o poder de Cristo para obter a força necessária. Aquele que está passando por grandes necessidades ou está descontente por não ter o que deseja deve aprender a confiar nas promessas de Deus e no poder de Cristo para ajudá-lo a manter-se contente. Quem está sempre querendo mais deve pedir ao Senhor para retirar esse desejo e ensiná-lo a estar contente em todas as circunstâncias. Ele suprirá todas as necessidades, mas de uma forma que só Ele sabe ser a melhor para cada um.

- Note-se que Paulo teve que aprender a contentar-se; as coisas boas sempre têm que ser aprendidas, cultivadas; as más não precisam, produzem-se espontaneamente; ex: os espinhos não precisam ser cultivados, mas rosas têm que ser plantadas e tratadas.

- Esta talvez tenha sido a melhor lição que Paulo aprendeu; certamente só com muita vivência, prática de fé, é possível aprender a contentar-se, pois isso contraria a natureza humana de sempre querer mais e melhor; o contentamento de Paulo não dependia do que ele tinha, mas da sua suficiência em Cristo; se ele tinha alimentos, é porque Jesus queria que tivesse; se passava fome, é porque Jesus queria que ele passasse.

- No original grego é empregado o *Ariosto* para “aprendi”, usado em um lugar onde se poderia esperar o perfeito. A ideia é: “Já aprendi, de uma vez por todas, através da minha experiência; e essa ainda é a minha opinião fixa”.

- É somente “em Cristo” que podemos ser instruídos e aprender a ser contentes com o que temos. O aprendizado do apóstolo não se deu na “escola da vida”, nem tampouco foi resultado de sua imersão intelectual na filosofia grega (no qual, aliás, era versado) ou nos altos estudos da lei mosaica com os mestres judeus (e Paulo teve como mestre um dos maiores estudiosos da lei, Gamaliel – At. 22.3), mas no seu relacionamento com Cristo Jesus, do qual recebeu diretamente vários ensinamentos (1Co.11.23).

- Contentar-se não tem nada a ver com a quantidade de bens que se possui, mas sim com o que está na sua mente; há quem se contente tendo pouco; há quem não se contente, mesmo tendo muito; veja o exemplo de Acabe no episódio da vinha de Nabote (1Rs. 21.4); e o de Hamã (Et. 5.11-13).

- O segredo do contentamento, da satisfação, é reconhecermos que Deus nos concede, em cada circunstância, tudo quanto necessitamos para uma vida vitoriosa em Cristo (1Co. 15.57; 2Co. 2.14; 1Jo. 5.4). Nossa capacidade de viver vitoriosamente acima das situações instáveis da vida provém do poder de Cristo que flui em nós e através de nós (v. 13; ver 1Tm. 6.8). Isso não ocorre de modo natural; precisamos aprender na dependência de Cristo.

- “Contentar-me”, no original grego, é *autarkes*, que significa “auto-suficiência”, ou seja, “contentamento”. Paulo empregou aqui um termo famoso dos filósofos estoicos, porquanto a nota chave da filosofia deles era a “auto-suficiência”, isto é, um estado em que as emoções provocadas pelas circunstâncias externas não têm a permissão de perturbar a tranquilidade íntima do indivíduo. Ora, a cidade natal de Paulo, Tarso, era um dos grandes centros da filosofia estoica; e todos quantos lêem as cartas de Sêneca (contemporâneo de Paulo e filósofo estoico romano) sabem o quanto Paulo tomou do estoicismo certas expressões, em suas epístolas. Podem ser comparadas as muitas metáforas de Paulo, baseadas na vida atlética, com os escritos de

autores estoicos, que tinham nisso uma de suas práticas constantes (ver *Diog.* L.2.24, onde figura essa expressão, acerca de Sócrates, onde também aparece o adjetivo *semnos*, que significa “augusto”, “majestático”). Em Tim. 33 D, Platão usa esse vocabulário acerca do indivíduo para quem nada faltava, espiritualmente ou em qualquer outro sentido, o qual é visto como alguém “muito mais excelente” que aqueles que padecem de alguma necessidade. Sócrates, por sua vez, falava da verdadeira riqueza, com as seguintes palavras: “Aquele que se contenta é o mais rico, pois a ‘auto-suficiência’ é a riqueza da natureza”. Sêneca dizia: “*Beatus est praesentibus, qualiacunque sunt, contentus*” (*De Vita Beata*, 6, a Gálio), o que significa: “Feliz é o homem que, em quaisquer circunstâncias em que se encontre, sente-se contente”.

- Todavia, para Paulo, este contentamento não consistia em auto-suficiência, mas, antes, na dependência de Deus. Foi o poder de Deus em sua vida que o capacitou a viver acima de suas circunstâncias presentes. Este contentamento foi “aprendido”, não de modo teórico, mas nas experiências por meio das quais Deus conduziu Paulo até este ponto em sua vida.

- A mente contente é uma festa contínua. O que podemos obter com as murmurações e as queixas? O dinheiro é tão importante na satisfação de nossas necessidades imediatas, que não nos faz lembrar naturalmente do fato que “a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui” (Lc. 12.15). Mas essa verdade jamais será plenamente apreciada exceto naqueles pontos onde o dinheiro nada pode fazer por nós.

- Contentar-se com o que tem é algo que só pode vir de uma comunhão com Deus, pois a natureza pecaminosa do ser humano é tendente à ganância e à insatisfação, pois existe na carne aquela “sanguessuga”, mencionada por Salomão, que gera suas duas filhas: “Dá, dá” (Pv. 30.15). Como disse Salomão, “os olhos do homem nunca se satisfazem” (Pv. 27.20) e “aquele que tem um olho mau corre atrás das riquezas” (Pv. 28.22).

- A Nova Versão Internacional (NVI) traduz a parte final deste versículo com a seguinte expressão: “pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância”. Essas últimas palavras representam uma interpretação, e não uma tradução, porquanto o original grego diz simplesmente “nos estados (em que) eu estou”. Alguns eruditos fazem essas palavras referirem-se às circunstâncias de sua “provação presente”; mas outros pensam em uma declaração mais geral, indicando qualquer situação em qualquer ocasião. E esta segunda opinião provavelmente é a mais correta, porquanto Paulo parece estar falando de uma lição apreendida através de muitas experiências, aplicável a todas as situações.

12 Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade.

- Paulo podia viver com alegria porque compreendia a vida sob o ponto de vista de Deus. O apóstolo se concentrava naquilo que era sua obrigação fazer, e não naquilo que pensava que deveria ter. Ele estabelecia corretamente suas prioridades e era grato por tudo que Deus lhe havia concedido. Paulo se afastava daquilo que não era essencial para poder se concentrar naquilo que é eterno. Muitas vezes, o desejo de ter mais ou melhores posses é, na verdade, o desejo de preencher uma lacuna existente na vida da pessoa.

- Aquilo a que nos dedicamos quando sentimos um vazio interior ou como podemos encontrar o verdadeiro contentamento encontra resposta em nossa perspectiva, em nossas prioridades e na fonte do nosso poder.

- “Abatido” é tradução do vocábulo grego *tapeinoo*, a palavra comum que significa “humilhar”, “degradar”, mas que, em discursos morais e religiosos, com frequência queria indicar “autodisciplina”. Paulo emprega essa palavra referindo-se a si próprio na questão de “humilhar” à sua própria pessoa, ao trabalhar com as próprias mãos para ganhar a vida, quando todos os apóstolos tinham o direito de receber ajuda financeira das igrejas locais. Note-se que é a mesma palavra que ele emprega em Fp. 2.8 para referir-se à humilhação de Cristo no Calvário.

- “Abundância”, no original grego, é *perisseo*, que significa, literalmente, “extravasar”, “ser excessivo”; e a referência particular é financeira, embora “honra” também possa ser aqui indicada. Calvino sugeriu a seguinte tradução: “Sei estar abatido, mas não esmagado; sei estar em abundância, sem exaltar-me”. Quando Paulo visitava a Filemom (ver Fl. 22) ou a outros que tinham meios financeiros abundantes, não se mostrava contrário ao viver na abundância de bens materiais, durante o tempo em que os visitava.

- Uma vez mais encontramos a grande lição de que a vida de um homem não consiste da abundância das coisas que possui, conforme se aprende em Lc. 12.15.

- “Instruído”, no original grego, é *mueo*, que significa “iniciar”, isto é, “iniciar nos mistérios”. Podemos observar o tempo verbal perfeito, dando a entender: “já fui iniciado nessa forma de contentamento por experiência que têm exercido efeitos permanentes em mim”. Portanto, “já aprendi o segredo”, conforme a palavra usada nas religiões misteriosas a fim de ilustrar o que queria dizer. Essas religiões misteriosas salientavam uma disciplina superior, na qual apenas alguns poucos podiam ser iniciados, embora qualquer pessoa pudesse participar da adoração pública das mesmas. Vemos, pois, que Paulo havia adquirido um segredo, contentando-se com um nível de vida do qual poucos participavam; mas queria também que todos tivessem o mesmo contentamento, embora tal contentamento só possa resultar da disciplina espiritual, da inquirição espiritual intensa, que diminui o valor das coisas terrenas e aumenta o valor das realidades espirituais. Portanto, os autos e baixos de sua vida física não afetavam o seu nível de espiritualidade.

- “Fartura”, no original grego, é *chortzado*, na voz passiva neste ponto, que significa “estar cheio”, palavra usada primariamente para indicar as rações e a engorda do gado. No trecho de Mt. 14.20, porém, é palavra usada para indicar a satisfação da fome da multidão; e Lc. 6.21 usa o termo para indicar a satisfação da fome espiritual.

- “Fome”, no original grego, é um verbo derivado de *peina*, que significa “fome”. É vocábulo correlato de *penes* (“pobretão”), alguém forçado a labutar (no grego, *penomai*) para sobreviver fisicamente. Trata-se do pobre que com frequência padece fome, o que explica como, no grego, a palavra “fome” se deriva daí. Paulo se referia diretamente a essa parte de sua experiência, em 2Co. 11.27.

- Paulo repete em seguida o termo “abundância”, a mesma palavra usada no princípio deste versículo. Algumas vezes Paulo tinha tudo em excesso, mas o seu espírito não precisava disso a fim de prosperar. Quando um homem é espiritualmente miserável, somente o dinheiro conseguirá consolá-lo em sua miséria; mas isso é uma vantagem extremamente duvidosa, embora intensamente buscada pelo mundo.

- “Necessidade”, no original grego, vem do vocábulo básico *usteros*, que quer dizer “atrasado”, “ficar para trás”, expressão popularmente usada para alguém que entrava em dificuldades financeiras. Ela é usada para indicar a “deficiência material”, em Lc. 15.14 e Jo. 2.3. E também é

empregada para falar da deficiência ou fraqueza moral e espiritual, nos trechos de Rm. 3.23; 1Co. 8.8 e Hb. 13.15. Tal como alguns homens “ficam aquém” da Glória de Deus, assim também Paulo, com frequência, “ficou aquém” até mesmo dos recursos financeiros adequados. No entanto, isso em nada prejudicou a sua expressão e o seu desenvolvimento espirituais.

- Paulo emprega dois conjuntos de termos contrastantes para mostrar os extremos por meio dos quais experimentou este contentamento: quando estava bem alimentado, quando teve fome, quando viveu períodos de abundância e quando sofreu necessidades. Por meio de todas estas situações, descobriu o segredo do contentamento.

- É como se Paulo tivesse dito: “Sei por experiência própria, pois já fui iniciado nesse segredo, tendo-me tornado um mestre nessa arte de viver contente sob todas as circunstâncias” (ver 2Co. 9.8). Paulo reconhecia ser bom e útil para o crente ter “toda a suficiência em tudo”, a fim de que possa abundar “em toda a boa obra”, porquanto as situações financeiras difíceis podem impedir-nos a obra cristã. No entanto, mesmo assim podemos ser vencedores contanto que a nossa fé seja suficiente para tanto.

- Paulo fala “em todas as coisas”, não particularmente “em todas as ocasiões”, conforme dizem erroneamente algumas traduções, mas sob todas as circunstâncias, em qualquer estado físico de riqueza ou de pobreza que os dias possam trazer.

- Algumas pessoas de Corinto supunham que a recusa de Paulo em viver do evangelho era degradante para ele. Mas em muitos outros sentidos o apóstolo dos gentios já aprendera a viver humildemente como homem pobre, sofrendo afrontas por causa de sua associação com Cristo e o seu evangelho (ver 2Co. 4.8). No trecho de 2Co. 11.27, Paulo menciona que algumas vezes experimentara fome e jejum, onde certamente se deve compreender que eram jejuns forçados. Simplesmente ele não tinha dinheiro bastante, nessas oportunidades, para adquirir alimentos. Sua humilhação, neste caso, mui provavelmente se refere particularmente ao seu estado financeiro, conforme o contexto da passagem indica, porquanto ele falava sobre a ajuda financeira que os filipenses lhe tinham enviado. Sem essas dádivas várias, por diversas vezes Paulo experimentou pobreza extrema; mas aprendera a suportar tudo, continuando a servir a Cristo apesar disso. Em outras ocasiões fora reduzido à nudez, ou seja, não tinha roupas suficientes, tão crítica se tornava sua situação. Mas o fato de que ele foi honrado mostra-nos, em contraposição a isso, que sua humildade incluía também um tratamento humilhante da parte dos homens, visto ter sido aprisionado e espancado (ver 2Co. 11.23-24), como também ridicularizado em outros sentidos, por causa de sua fé em Cristo.

- As humilhações sofridas por Paulo podem ser confrontadas com as do Senhor Jesus (ver Fp. 2.5-8). Nessa passagem, Cristo é apontado como o exemplo da humildade mental que nos deveria caracterizar, de modo que nenhum sacrifício fosse reputado grande demais para que completássemos com êxito a nossa missão cristã.

- Qual destas coisas é mais fácil: saber estar abatido ou saber ter abundância? Pode parecer fácil viver com abundância, mas isto pode ser ainda mais difícil que viver abatido. Como disse Charles Spurgeon: “Há uma grande quantidade de homens que sabem um pouco como ser abatidos, mas não sabem de modo algum ter abundância. Quando eles são postos na cova com José, eles olham para cima e veem a promessa iluminada e a esperança por um escape. Mas, quando são postos no topo do pináculo, suas mentes ficam perturbadas e eles estão prontos a cair”.

13 Posso todas as coisas naquele que me fortalece.

- Até o versículo anterior, Paulo se utilizara da linguagem do estoicismo, e isto não foi por acidente. Até mesmo nos tempos antigos a semelhança entre o pensamento estoico e o pensamento paulino foi notada: e essas semelhanças têm surgido em número cada vez mais numeroso, à medida que a pesquisa moderna vai avançando. A cidade nativa de Paulo, Tarso, era uma das principais sedes da filosofia estoica e é óbvio que ele fora atraído por muitos aspectos de seu ensinamento. Seu discurso em Atenas, conforme o registro de At. 17, foi inteiramente estoico, semelhante quanto ao pensamento e à linguagem. Todavia, por debaixo dessa semelhança superficial há uma profunda diferença entre Paulo e os estoicos, e a natureza dessa diferença transparece brilhantemente no presente versículo. Os estoicos defendiam que, no homem, como fragmento que é da alma universal, existe uma força intrínseca que pode resistir e vencer todas as pressões externas. Já o apóstolo Paulo estava convicto que o homem, por si mesmo, nada pode fazer, mas antes, está em servidão desesperadora às maldades deste mundo. Por essa razão é que Deus enviara um Libertador. E todo o esforço humano deve ser fútil para sempre, a menos que contemos com o poder de Cristo que nos ajude. Por conseguinte, quando Paulo diz-nos aqui como já havia aprendido a contentar-se sob todas as condições da vida, sentindo-se auto-suficiente, ao mesmo tempo teve o cuidado de adicionar que não dependia inteiramente de si mesmo. Antes, tinha consciência da presença íntima de Cristo, o qual, a todo o tempo lhe supria as forças necessárias.

- Aquele que nos fortalece é, portanto, sem dúvida, Jesus; quanto a isso não há discussão neste texto. Então, tendo Jesus, podemos tudo? Podemos comprar uma casa nova, um carro novo, uma mansão, uma fazenda, um palácio, tudo? Podemos nos livrar de doenças e de todo tipo de adversidades?

- Essa é a base da teoria do triunfalismo, que é uma teoria aparentada com a teoria da prosperidade. Segundo essa teoria, pobreza é falta de fé, já que podemos ter tudo, desde que estejamos naquele que me fortalece; então, se cremos em Jesus, podemos todas as coisas.

- Esse talvez seja o melhor exemplo de interpretação de texto bíblico fora do contexto que se conhece; e interpretação sem contexto é pretexto para se afirmar qualquer coisa. Nem sempre é fácil interpretar a Bíblia corretamente, de forma contextualizada; às vezes é difícil extrair o contexto do texto bíblico; às vezes é preciso ler todo o livro, ou até toda a Bíblia, para se extrair corretamente o contexto de um texto; exemplo: Is. 41.6 (“um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: Esforça-te!”).

- Mas este nem é o caso do texto deste versículo; o contexto está evidente, basta lermos dois versículos anteriores e já veremos que não há a menor base bíblica para a teoria do triunfalismo; muito mais ainda se conhecermos toda a carta de Paulo aos filipenses, a história de Paulo, as circunstâncias em que ele escreveu esta carta e todo o contexto bíblico.

- Isto evidencia a má-fé dos que defendem a teoria do triunfalismo; não é simplesmente um erro de interpretação, um erro escusável, que possa ser atribuído a simples falta de conhecimento dos seus defensores; é pura e inescusável má-fé; pra falar sem rodeios, é simplesmente safadeza com a Palavra de Deus.

- Todos conhecemos a vida abnegada que Paulo sempre levou, desde que se encontrou com Cristo; ele sempre procurou o bem da igreja, em detrimento dele próprio; sofreu muitos e muitos revezes por pregar o Evangelho; trabalhou fazendo tendas para se sustentar (At. 18.3), que era um ofício pesado e pouco remunerador; foi preso e açoitado várias vezes; sofreu naufrágios,

perseguições etc.; Jesus cumpriu na vida de Paulo, literalmente, o que havia prometido para Ananias em At. 9.16 (“eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome”). Portanto, só por isso, achar que Paulo defenderia a ideia dos triunfalistas, ou que algum escrito seu seria base para essa ideia, é ridículo, um verdadeiro absurdo.

- Paulo fundou a igreja de Filipos por ocasião da sua segunda viagem missionária, depois de ter recebido uma visão, em que um cidadão macedônio lhe pedia ajuda (At. 16.9); Filipos foi a primeira igreja da Europa fundada por Paulo.

- É fato que Paulo estava preso quando escreveu a carta aos filipenses (Fp. 1.13); como alguém preso poderia dizer que pode tudo, no sentido que os triunfalistas querem atribuir a essa expressão? Como ele preso poderia ter tudo, ser rico, estar livre de todas as atribuições? Quem acreditaria em Paulo se ele afirmasse isso nas condições em que estava?

- Mesmo preso, Paulo nunca reclamou; muito ao contrário, ele procura animar os filipenses, que estavam tristes com a sua prisão, mostrando a eles as vantagens para o Reino do fato de ele estar preso (Fp. 1.12-18); e vantagens também para ele pessoalmente (Fp. 1.19-26).

- É curioso notar que a carta de Paulo aos filipenses é justamente chamada de “carta da alegria”, pois é nela em que Paulo mais revela seu contentamento, mesmo estando preso; a palavra “alegria” é citada 5 vezes nessa pequena carta (Fp. 1.4, 1.25, 2.2, 2.29 e 4.1); e o verbo “regozijar-se”, 9 vezes (Fp. 1.18 – 2 vezes, 2.17, 2.18, 2.28, 3.1, 4.4 – 2 vezes, 4.10); afora outras variações destas palavras.

- Mas mais marcante ainda é o contexto próximo do próprio texto em questão; por isso, devemos examinar o texto de Fp. 4.10-19, que deixa claro que o sentido em que Paulo afirmou que tudo pode nada tem a ver com o sentido atribuído a esse texto pelos triunfalistas.

- O que são “todas as coisas” neste versículo, se não as coisas descritas nos versículos anteriores, especialmente no v. 12? “Posso todas as coisas” é “posso estar abatido”, “posso ter abundância”, “posso ter fartura”, “posso ter fome”, “posso padecer necessidade”; isso os triunfalistas não dizem.

- Notem a tradução deste texto na NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje): “Com a força que Cristo me dá, posso enfrentar qualquer situação”. Jesus nunca livrou Paulo dos sofrimentos, embora sempre estivesse com ele nesses momentos (ver, por exemplo, 2Tm. 4.16-17).

- O poder e a graça de Cristo permanecem no crente para capacitá-lo a fazer tudo quanto Ele o mandou fazer. O poder que recebemos em nossa união com Cristo será suficiente para fazermos a Sua vontade e enfrentarmos os desafios que surgirem devido ao nosso compromisso. Ele não nos outorga uma capacidade sobre-humana para realizarmos tudo que pudermos imaginar, sem nos preocupar com os interesses divinos. Ao lutar pela fé, enfrentaremos dificuldades, pressões e provações; devemos pedir a Cristo para nos fortalecer.

- Ora, se Deus é rico, como Paulo disse em Fp. 4.19, por que o apóstolo Paulo não pediu que também enriquecesse os filipenses, diante de sua generosidade? Porque os filipenses, assim como o apóstolo, deveriam aprender a se contentar com o que tinham (Fp. 4.11) e porque Deus, embora seja rico, dono do ouro e da prata (Ag. 2.8), não tem o propósito de enriquecer os homens materialmente, mas, sim, de suprir-lhes as necessidades materiais com o suficiente, porque, ao contrário dos perdidos, inimigos da cruz de Cristo, que só pensam nas coisas terrenas (Fp. 3.18-19), os salvos, assim como o apóstolo, têm a sua cidade nos céus donde esperam o

Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o seu corpo abatido para ser conforme o Seu corpo glorioso segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas (Fp. 3.20-21).

- Alguns exemplos de homens de Deus na Bíblia que não triunfaram, no sentido da teoria do triunfalismo: Abel, Jeremias, João Batista o próprio Paulo, entre tantos outros; todos reconhecidamente justos, mas mesmo assim não tiveram a vitória humana pregada pelo triunfalismo.

- Cabe aqui uma palavra a respeito da prosperidade no Novo Testamento; examinemos o texto de Jo. 10.10: “eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância”; a abundância aqui material? O que é “vida com abundância” neste texto? Existem 3 palavras gregas traduzidas por “vida” no Novo Testamento: “bio”, “psique” e “zoe”; “bio” refere-se à vida natural (corpo); “psique”, à vida mental (alma); “zoe”, à vida espiritual; a palavra empregada em Jo. 10.10 é “zoe”; então, a vida com abundância é uma vida espiritual com abundância, não é abundância de bens materiais.

- Por outro lado, com base em Mt. 6.19 e 1Tm. 6.8-10, teríamos que afirmar que o crente tem que ser pobre?

- O dinheiro em si não é nada, não é bom, mas também não é mal; o que a Bíblia condena é o amor ao dinheiro; “o dinheiro é um ótimo servo, mas um péssimo patrão”.

- Em consequência, não devemos desonrar um irmão porque ele é pobre, nem honrar outro porque é rico (ver Tg. 2.6 e Tg. 5.4); mas também não devemos fazer o contrário; não devemos fazer apologia da riqueza, nem da pobreza; riqueza ou pobreza não são nem virtude, nem desonra em si mesmos; a Bíblia é completamente indiferente a esses fatos isoladamente falando, e nós também devemos ser; o problema não é a riqueza ou a pobreza em si, mas o que fazemos delas, nossa atitude em relação a elas (ver Mt. 18.21-25: notar que doar todos os bens é um conselho isolado, não é doutrina bíblica; em nenhum outro ponto a Bíblia nos manda doar todos os nossos bens, nem mesmo Jesus ensinou isso a mais ninguém).

- Convém notar que o termo original para riqueza na Bíblia é “mamom”, um termo aramaico que significa literalmente “dinheiro”, sendo normalmente personificado como uma divindade, justamente porque a pessoa que está ávida pelo enriquecimento está cultuando o dinheiro, colocando o dinheiro no lugar de Deus; por isso Jesus condenou o ato de servir a dois senhores (Mt. 6.24; convém ler os versos 19 a 24 e observar que os versos 22 e 23 parecem estar deslocados no meio de dois ensinamentos sobre o dinheiro, mas na verdade não estão; Jesus está dizendo implicitamente que se descobre se uma pessoa tem olho bom ou mal pela forma como essa pessoa age em relação ao dinheiro).

- Podemos abordar a questão da prosperidade no Novo Testamento sob três aspectos: 1) a prosperidade é escatológica; 2) a prosperidade é mais uma questão de ser do que de ter; 3) a prosperidade é filantrópica.

- Quanto à visão escatológica da prosperidade: o cristão vai gozar das bênçãos no céu; aqui tudo é passageiro, não devemos desejar as coisas daqui (2Co. 5.8); era assim que vivia a igreja primitiva.

- A visão de ser e não de ter contraria a tendência da humanidade nos nossos dias; pessoas vazias, sem conteúdo, que só pensam em ter, em consumir, em comprar; “tem gente que é tão pobre, mas tão pobre, que a única coisa que ela tem é dinheiro”. Há hoje uma completa inversão

de valores, até mesmo na igreja; muitas pessoas só procuram Deus para usufruir de suas bênçãos, não pelo que Ele é, mas pelo que Ele pode nos oferecer (ver o exemplo do jovem que queria que Jesus lhe garantisse o seu direito hereditário – Lc. 12.13-15).

- Quanto à visão filantrópica: a igreja, tal como a sociedade, é economicamente heterogênea, comporta pessoas de várias classes sociais; a visão filantrópica da prosperidade vem ao encontro dessa realidade, para minimizar os problemas da pobreza dos crentes. Note-se o que diz 1Co. 16.2 (“conforme a sua prosperidade”): quanto mais se tem, mais se deve doar, mais se deve ajudar os outros.

- Muita gente quer se mostrar rico com carro novo, com roupas caras etc; o cristão se mostra rico ajudando os outros. Note-se o texto de 1Tm. 6.18 (“façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente”): enriquecer de boas obras é enriquecer na vida espiritual; é a ideia de que, ajudando os outros, estamos nos tornando ricos no céu (ver Fp. 4.16-17; 2Co. 9.9; veja-se também a parábola do homem rico em Lc. 12.16-21). Além disso, a filantropia é também uma consequência da salvação (ver o caso de Zaqueu: Lc. 19.8-9).

- Convém notar o exemplo de Jesus: nasceu pobre; viveu modestamente (não tinha dinheiro nem para pagar os impostos); não se preocupou em acumular riquezas; não tinha onde reclinar a cabeça (Mt. 8.20); tudo que usou era emprestado (a manjedoura onde nasceu, o jumentinho usado na entrada triunfal em Jerusalém, o pão e os peixes da multiplicação, a sepultura, o local da última ceia). Mas Jesus nunca teve falta de nada; serviu-se dos ricos, dos bens deles (Mc. 14.13-15; Mt. 21.2; Mt. 27.57); comeu com os ricos e pregou pra eles (Lc. 19.5-7).

- Eis alguns ensinamentos de Jesus a este respeito: não ajuntar tesouros na Terra (Mt. 6.19); Ele combateu a ideia então reinante de que a riqueza é uma evidência de bênçãos divinas (teoria da prosperidade da época – Lc. 12.15).

- Notemos também o exemplo de Paulo: abriu mão de tudo que tinha pelo amor de Cristo (Fp. 3.7-8); aprendeu a se contentar em qualquer situação (Fp. 4.12,13 – o texto do v. 13 é usado isoladamente pelos adeptos da confissão positiva e da teoria da prosperidade); seguiu a recomendação dos discípulos para não esquecer dos pobres (Gl. 2.10; ele não apenas disse que fez com diligência, mas realmente o fez; ver, por exemplo, Rm. 15.26, 2Co. 9).

- Eis alguns ensinamentos de Paulo a este respeito: os ricos não devem ser altivos nem por o coração nas suas riquezas (1Tm. 6.17, repetição de Sl. 62.10); não devemos amar o dinheiro (1Tm. 6.10); não devemos ambicionar coisas altas, mas acomodarmo-nos com as humildes (Rm. 12.16).

- A palavra “fortalece”, no original grego, é *enduamoo*, o qual significa “infundir forças”, como sua ideia básica. É a palavra empregada para indicar a força da fé (ver Rm. 4.20); também indica a força espiritual em geral que possuímos no Senhor (ver Ef. 6.10). Esse fortalecimento que nos vem da parte de Cristo não apenas nos confere forças, mas também transforma nossos próprios seres para que compartilhem de sua natureza, o que permite que nos tornemos mais fortes em nós mesmos, embora isso se deva inteiramente à Sua graça; não obstante, isso é uma verdade. É também desse modo que crescemos na estatura de Jesus Cristo (ver Ef. 4.13).

- Paulo declara aqui seu poder universal, tão triunfalmente, e, no entanto, com quanta humildade! Mediante tal ênfase, Paulo não somente nos conta uma grande verdade sobre a fonte do poder nessa inquirição espiritual, mas também resguarda-se contra a possível interferência de que ele se ufanava em si mesmo, como se não precisasse de coisa alguma e de ninguém mais.

- A força do apóstolo dos gentios residia em sua união viva e identificação com Cristo, o qual era o seu poder. Outros versículos subentendem que toda a força espiritual pode ser encontrada exclusivamente em Cristo, ou em Deus Pai, tais como Gl. 2.20, Ef. 6.10; 2Co. 12.9; At. 9.22; Rm. 4.20; 1Tm. 1.12; 2Tm. 2.1 e 4.17.

- Observe-se o que Cristo disse: “É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt. 28.18-19). Se um crente tiver fé bastante, isto é, se entregar-se de alma aos cuidados de Cristo, com profundidade suficiente, também poderá fazer as obras que Cristo fez, e maiores ainda, conforme a promessa que nos fez o próprio Senhor Jesus, em Jo. 14.12.

- A importância do v. 13 é encontrada no fato dessa capacidade de Paulo lutar com as adversidades da vida não ter sido alcançada por meio da auto-suficiência, como os estoicos ensinavam, mas por meio da suficiência em Cristo. Este fortalecimento foi parte da experiência cristã contínua de Paulo e estava fundamentado em sua união com Cristo.

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª edição. Editora CPAD, 2009.

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CABRAL, Elienai. **Lições bíblicas: Filipenses – A humildade de Cristo como exemplo para a Igreja**. Editora CPAD, 2013.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Editora Hagnos, v. 5, 2002.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.

- NEVES, Natalino das. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.

- OLIVEIRA, Euclides de. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.

- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.

- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.